

OS NARRADORES DA PRAÇA DA REPÚBLICA E DA CIDADE DAS LEIS

Valdemir Miotello

Resumo : Ao tratar de analisar narrativas orais deve-se levar em conta que ela é primitiva, no sentido de que vem junto com a história humana há séculos, tendo sido o gênero que não só acompanhou o homem, como foi a marca da primeira onda civilizatória, quando o gênero humano, ao descobrir os princípios da agricultura, se sedentarizou, formou os pequenos ajuntamentos humanos, organizou normas, leis, fez cultura, memorizou fatos, guardou a história do grupo, e foi constituindo um baú de tradições, lendas, crenças, fatos, rezas, cantos, nomes, lugares, datas, conhecimentos, que fixaram o desenvolvimento humano.

Palavras – Chave : Agricultura, Conhecimentos, Narrativas, Tradições e Desenvolvimento.

Abstract : Efforts to analyze oral narratives should take into account that it is primitive, in the sense that comes along with human history for centuries, having been the genre that not only accompanied the man, as was the mark of the first wave civilizatória, when the human race, to discover the principles of agriculture, if sedentarizou, formed small gatherings organized human standards, laws, culture, memorized facts, saved the history of the group, and was a treasure chest of traditions, legends, beliefs, facts, prayers, songs, names, places, dates, knowledge, that fixed the human development.

Keyword : Agriculture, Knowledge, Narratives, Traditions and Development.

Ao tratar de analisar narrativas orais deve-se levar em conta que ela é primitiva, no sentido de que vem junto com a história humana há séculos, tendo sido o gênero que não só acompanhou o homem, como foi a marca da primeira onda civilizatória, quando o gênero humano, ao descobrir os princípios da agricultura, se sedentarizou, formou os pequenos ajuntamentos humanos, organizou normas, leis, fez cultura, memorizou fatos, guardou a história do grupo, e foi constituindo um baú de tradições, lendas, crenças, fatos, rezas, cantos, nomes, lugares, datas, conhecimentos, que fixaram o desenvolvimento humano.

Quando a escrita foi inventada e divulgada, ela serviu para recuperar e

cristalizar as narrativas que, manuseadas pela aristocracia justificava seu poder e seu modo de vida, percorriam as bocas populares e legitimavam o dito e o feito dos dominantes. O caráter ideológico do mito, das lendas, dos causos, das histórias, das narrativas é fantástico, já que ele tanto garante a divulgação e a permanência entre as classes populares, que os repetem e perpetuam, das idéias que fundamentam o poder dos dominadores, justificando-o, quanto mantém e arrastam pelos tempos a fora os conteúdos libertadores dos excluídos.

Platão, em *A República*, discute as condições de transmissão do mito e atribui ao Estado a legítima aplicação de um dispositivo de vigilância, uma vez que a cidade está infestada de "*fabricantes de narrativas*", a começar pelas mães e amas, seguidas pelos velhos e velhas, tagarelas inesgotáveis, que se debruçam sobre os recém-nascidos, e reunindo crianças de pouca idade ao seu redor e "*derramando em seus ouvidos discursos sedutores*", apresentando ficções faladas, e que "*transformam-se em caráter e em natureza, através do corpo, da voz e do pensamento* (Platão, *A República*, III, 377-395). Ainda segundo ele, cabe aos filósofos modelar os tipos de narrativas que interessam ao Estado, em conformidade com as leis, para formarem "*cidadãos de ouro*". Os narradores ambulantes e os mitólogos vadios não poderiam freqüentar as praças d'*A República*.

O envelhecido Platão, no entanto, em *Leis* destrói sua praça inútil e o espaço social da vigilância do Estado, e convoca o povo para dirigir o rumor, organizar seu curso e fazê-lo circular por milhares de canais "*conservando todos os belos discursos que enunciamos e sempre enunciaremos, mas insistindo no essencial: afirmaremos que, aos olhos dos deuses, a vida mais agradável é também a melhor, e assim todos juntos diremos a verdade pura, e melhor do que qualquer outra forma de exprimi-la, persuadiremos aqueles a quem queremos persuadir*" (Platão, *Leis*, II).

Era a convocação para que o bom rumor irrigasse em profundidade todos os membros do corpo social e os convencesse com a verdade. E ele reservou aos velhos o papel de administrar a memória comum e a eles está reservado o lugar social de contador de histórias, e direcionadas diretamente às crianças. São eles, afinal, que alcançam o tempo mais longe e estão alheios à vida política, podendo, dessa forma, educar os "*incompletos*" com narrativas sedutoras (*paramúthia*) e com palavras de encantamento (*epoidai*), transformando tudo em divertimento (*paidiá*), voltadas para a melhor educação (*paideía*) (Platão. *Leis*-11. 659).

Marcel Detienne, em seu livro *A Invenção da Mitologia*, usa do testemunho

de Platão para afirmar que na Grécia há recusa de recorrer à escrita entre os homens que têm mais poder na cidade. Péricles teria sido o primeiro, num tempo de grandes oradores, a ler um discurso em público. A escrita, na cidade, era mais para ser vista nos decretos pregados nos muros que para ser lida. Aos poucos seu uso vai ocupando vários campos de atividade e se transformando em "memória escrita" que convive com a "memória social", cuja transmissão continua a se fazer de forma oral e auditiva.

Ao se colocar o problema da manutenção da tradição e da modificação que se processa na história transmitida oralmente. Detienne reconhece um *"equilíbrio dinâmico entre mudanças e sobrevivência, onde a triagem entre as informações novas e antigas, se efetivamente realizada pela memória de cada um, se faz em função e sob o controle da vida social"* (Detienne, 1992:76). Ele relembra o etnólogo Marcel Maus repetindo a seus alunos: *"novo procurem o texto original, porque ele não existe"* e afirma que *"é no ensaio que ela (literatura oral) se fabrica, tomando forma a partir do que chamamos as variantes da narrativa ou as diferentes versões de uma mesma história"* (Id.:77), e é no ensaio que a variante aparece, pois a repetição proporciona a possibilidade da variação, e só é percebida mais profundamente a partir do fixismo da narrativa ou na escrita ou na gravação.

Ao afirmar que a narrativa tem que sair da boca e ir diretamente ao ouvido, caso contrário ela estará condenada ao silêncio e ao desaparecimento imediato, Detienne afirma: *"Para poder penetrar e tomar seu lugar na tradição aural, uma narrativa, uma história ou qualquer obra falada deve ser entendida, isto é, deve ser aceita pela comunidade ou pelo auditório a que se destina"* (Id.:82)

Angel Rama, crítico uruguaio, ao escrever *A Cidade das Letras*, apresenta esta diferença pondo de um lado a "cidade real" que abarca a sociedade como um todo, e de outro lado a "cidade letrada" que contempla seu elenco intelectual, sua classe dirigente.

"Enquanto a cidade letrada atua preferencialmente no campo das significações e inclusive as autonomiza em um sistema, a cidade real trabalha mais comodamente no campo dos significantes e inclusive os afasta dos encadeamentos lógico-gramaticais"

(Rama, 1985:52). Ainda apresenta a cidade física que "o visitante percorre até perder-se" e a cidade simbólica "que a ordena e a interpreta, ainda que

somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem" (Id: 53).

Essas diferentes leituras de uma mesma realidade dada devolviam diferentes exercícios de poder aos usuários, e não só realizam leituras diferentes, mas necessitavam delas para manter do mesmo jeito as outras leituras. Era o exercício de velar os olhos e vender, ocultar uma forma de ver o real de outro lugar social. Rama também defende que *"a escritura dos letrados é uma sepultura onde é imobilizada, fixada e detida para sempre a produção oral"* (Id: 90), ao mesmo tempo em que ela tem poder para estabelecer a submissão da multidão.

Lévi-Strauss, já no final de seu *Mithologiques IV- L'home nu* introduz em sua obra o conceito de *"mitismo"* e sugere uma distinção entre os níveis estruturados e estáveis do mito e os níveis de probabilidade que poderão manifestar uma extrema variabilidade em função da personalidade dos sucessivos narradores: *"As obras individuais são todas mitos em potencial, mas é sua adoção coletiva que atualiza, se for o caso, seu mitismo"* (Lévi-Strauss, 1971:560). A escuta partilhada é o lugar da fundamentação das palavras transmitidas e das narrativas conhecidas, que passam pela prova da escuta, não importando como distribuem os ditos da tradição.

Quanto à objetivação da obra, na literatura oral ela não é independente do recitante, pois que ela se apresenta como um potencial de normas e tradições que o narrador deve atualizar. O dado não é sua obra, mas apenas um *corpus* literário, um mote criativo, um baú de tradições recolhidas pelo tempo sobre o qual ele vai trabalhar na sua fala. O narrador não só é o transportador do passado para o presente deste baú de tradições, mas também o leitor das realidades novas e atuais que ele pode inserir neste baú, além de selecionar e organizar todos estes elementos que serão usados nesta sua presente ação e por causa destes ouvintes.

Paul Zumthor, em *A Letra e A Voz*, ao se referir aos *"intérpretes"* medievais os coloca como letrados, mesmo que nem sempre lessem os textos, recitando-os de forma decorada:

***"tinha antes aprendido de cor o numero dos capítulos que compunham a obra, as grandes linhas da ação, os nomes dos lugares e dos personagens; depois, recitando-os, acrescentava, condensava, suprimia, sem tocar no essencial da história e empregando a linguagem dos livros"* (Zumthor, 1987:62).**

Independente de sua origem, situação econômica ou sexo, os intérpretes medievais "não foram, naquele mundo, marginais", mesmo que se vestissem com roupas chamativas ou excêntricas e se tratassem a si próprios de loucos. Sua presença se dá em todo o espaço social, da mendicância à corte, da existência errante à propriedade de um feudo, da recitação de jograis em festas às viagens diplomáticas (Id.:63-67). *"Pela garganta de todos esses homens (...) pronunciava-se tema palavra necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confirmando os mitos"* (Id.:67).

Finalmente, o poder real pode estar na palavra, esta "palavra fundadora" de que fala Zumthor, mas que é continuamente recriada pela voz que vai ocupando seu lugar social na corte, no quarto das damas, na praça da cidade, na borda dos poços, no pátio das igrejas, nas casas de família.

Bibliografia:

- DETTIENNE, Marcel. A invenção da mitologia. Rio de Janeiro, José Olympio. Brasília, UnB, 1992.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Mithologiques IV: L'homme nu- Paris, Plon. 1971
- MIOTELLO, Valdemir. Um mito amazônico em narrativas de roda - repetição e mudança nos processos enunciativos. Dissertação de mestrado, Campinas, UNICAMMP. 1996.
- PLATAO. Obras completas. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1963.
- RAMA, Angel. A cidade das letras. São Paulo. Brasiliense. 1985.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz - a "literatura" medieval. SP, Companhia das Letras. 1993.

***Valdemir Miotello.** Professor do Departamento de Filosofia, Antropologia e Sociologia da UFRO.